



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



“(Re)conhecendo a Amazônia Negra”: o olhar de Marcela Bonfim sobre povos negros na floresta¹

Adriana Camargo Pereira²

Arthur Vitor França Silva³

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb)

1 INTRODUÇÃO

Segundo dados divulgados pelo Censo Demográfico 2022 vinculado ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), na região norte do Brasil, 11.654.390 da população se declara parda, sendo este o maior percentual do país, 1.530.418 pessoas dizem ser preta e apenas 539.821 se consideram pertencentes da cor ou raça indígena.

Essa região abrange o maior bioma brasileiro, com aproximadamente 5 milhões de km² de floresta, sendo que 60% da sua extensão está nos sete estados do norte, a saber: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins. Além do Maranhão no nordeste e o Mato Grosso no centro-oeste e estende-se a oito países sul-americanos.

Devido a sua alta biodiversidade, mas também pela vasta presença dos povos originários em seu território, a Floresta Amazônica sempre foi objeto de estudos ao longo dos anos e essas narrativas dominam o cenário acadêmico, político e social. No entanto, há uma abordagem que ainda carece maior visibilidade nesse território: a presença e a influência das populações negras na formação cultural, social e econômica dessa região.

¹ Trabalho apresentado no GT “Fotografia Documental”.

² Doutora em Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade pela UFBA, idealizadora e coordenadora do projeto Audiovisualidades Híbridas, in: <https://www.audiovisualidadeshibridas.com.br/>; <https://www.instagram.com/audiovisualidadeshibridas/> / Contato: adriana.pereira@uesb.edu.br

³ Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo da Uesb, e-mail: 202410802@uesb.edu.br



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Diante do pressuposto, opta-se por explorar as pesquisas da fotógrafa brasileira Marcela Bonfim, em seu projeto (Re)conhecendo a Amazônia Negra: povos, costumes e influências negras na floresta (Bonfim, 2016a), que milita e reflete acerca das artes visuais, no campo da antropologia visual, sobre a constituição e memória da população negra brasileira na região amazônica.

Apesar desse enfoque, Bonfim evidencia que ao falar de Amazônia Negra é preciso tocar nas origens da terra, pois também abrange a presença e a memória das populações indígenas: “uma vez que a multiplicidade e a humanidade dessas populações também foram aviltadas pelos pensamentos e pela normatividade-padrão branca” (Bonfim, 2016c)⁴.

2 METODOLOGIA

Como metodologias, aplica-se, em primeira instância, quantos aos meios, a revisão bibliográfica. Para Brasileiro (2013, p. 47-48) “são aquelas que se valem de publicações científicas em periódicos, livros, anais de congresso etc”. Para esse trabalho, analisará as publicações feitas no site Amazônia Negra e as entrevistas concedidas por sua idealizadora. Já, quanto à abordagem, será uma pesquisa qualitativa. “É aquela que se ocupa da interpretação dos fenômenos e da atribuição de significados no decorrer da pesquisa, não se detendo a técnicas estatísticas” (Brasileiro, 2013, p. 49).

3 RESULTADOS

A história brasileira e a história da fotografia ambas se encontram em lugar comum, o da invisibilidade. A formação territorial da sociedade brasileira é marcada

⁴ A fonte consultada não é paginada.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



pela supremacia racial branca e patriarcal que não teve o trabalho de registrar a história de vida de pessoas invisibilizadas pela escravidão e, após a abolição. Já a história da fotografia é marcada pelo apagamento de características físicas que não sejam lidas como branca e ocidentais.

Figura 1 - Jesus Johnson, decente de imigrantes barbadianos do período da Madeira de Maomé



Foto: Marcela Bonfim (2016).

Bonfim traz reflexões pessoais relacionadas ao (re)conhecimento da Amazônia Negra com o seu próprio (re)conhecimento, como mulher negra. “Acredito que a Amazônia e eu estamos aprendendo, juntas, a ser negras” (Bonfim, 2018, p 14). É possível refletir o trabalho fotográfico de Bonfim sobre dois viés: a) Alteridade como construção da imagem do Outro a partir de um Eu; b) A fotografia como dispositivo para identidades invisibilizadas.

No primeiro ponto, em todo o seu percurso como fotógrafa, ela reflete a importância do norte do país como fator decisivo para descobrir a sua própria negritude. “Encontrar uma Amazônia da cor de minha pele, diferente do que eu imaginava, me permitiu acessar lugares que nunca pensei existir” (Bonfim, 2016b)⁵.

⁵ A fonte consultada não é paginada.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



No outro aspecto, ao pensar o indígena no molde do imaginário colonizador, “perdemos uma infinidade de tons de pele, feições, línguas e culturas desse mosaico de paisagem que também compreende, desde as invasões europeias, as expropriações territoriais e culturais das regiões amazônicas” (Bonfim, 2016c)⁶.

Figura 2 - Imigrante haitiana



Foto: Marcela Bonfim (2012).

Em uma entrevista, para a *Revista A Bravo*, Bonfim conta que é bem menos comum pensar em uma Amazônia negra do que a indígena. “A distância entre mim e a Amazônia era do tamanho da minha própria ignorância em relação à minha própria história” (Bonfim, 2018, p. 14). O trabalho de Bonfim trata dos fluxos migratórios negros em um lugar incomum no Brasil, por ser um projeto de pesquisa próprio e ter como característica a continuidade, ainda não se têm resultados precisos e nem a busca por uma resposta única, mas até aqui, é necessário refletir e concluir alguns pontos.

4 CONCLUSÃO

⁶ A fonte consultada não é paginada.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Segundo Figueiredo (2024, p. 16) “é necessário compreender que a ausência de memória, expressa pela ausência de registro fotográfico, retira, na contemporaneidade, visibilidade e memória do sujeito”. As dificuldades da abordagem de uma Amazônia Negra parte, principalmente, de um silenciamento imposto pelo racismo, que apaga a existência de populações afrodescendentes nessa região, e serve como pano de fundo para outras pautas, como a vasta biodiversidade da região amazônica e do assentamento dos povos originários.

Quando tomamos a fotografia no norte do país como objeto de análise, fica evidente que esse tópico é representado amplamente pelo viés da branquitude, imposta por um sistema que tenta apagar a existência da população negra brasileira, que aborda temáticas de viés ambiental. Isso, contudo, não exclui - pelo contrário, apenas reforça - a importância de abordar e visibilizar os povos negros presentes na região Amazônica.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia Negra; Marcela Bonfim; Racismo; Alteridade; Invisibilidade.

REFERÊNCIAS

BONFIM, Marcela. **Amazônia negra:**costumes e influência negra na floresta. 2016a. Disponível em: <https://www.amazonianegra.com.br/>. Acesso em: 02 fev. 2025.

BONFIM, Marcela. **Encontrar uma Amazônia da cor da minha pele.**(Re)conhecendo a Amazônia Negra: povos, costumes e influências negras na floresta. 2016b.Disponível em: <https://www.amazonianegra.com.br/aamazonianegra>. Acesso em: 02 fev. 2025.

BONFIM, Marcela. **Floresta pluricultural.**(Re)conhecendo a Amazônia Negra: povos, costumes e influências negras na floresta. 2016c.Disponível em: <https://www.amazonianegra.com.br/nafloresta>. Acesso em: 02 fev. 2025.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



BONFIM, Marcela. **(Re)conhecendo a Amazônia Negra**. São Paulo: Caixa Cultural, 2018. Disponível em:
https://www.premiopipa.com/wp-content/uploads/2021/05/Cat%C3%A1logo_AN_CAIXA-fortaleza-2018-Amaz%C3%B4nia-Negra.pdf. Acesso em: 02 fev. 2025.

BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. **Manual de produção de textos acadêmicos científicos**. São Paulo: Atlas, 2013. ISBN 978-85-224-7608-4.

FIGUEIREDO, Carolina. Dar à luz: fotografia de parto e invisibilidade da mulher e da família negras no Instagram. **CAOS–Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, João Pessoa, v. 2, n.33, p. 49-69, jul./dez. 2024. Disponível em:
<https://periodicos.ufpb.br/index.php/caos/article/view/69874>. Acesso em: 04 fev. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em:
<https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 02 fev. 2025.